SEMPRE PRONTO

Mensário Escotista • Agraciado com o "Lis de Prata" da Assoc. dos Escoteiros de Portugal

ANO XXVII
JUNHO
DE 1971
N.º 314

Comp. e imp.: Livraria Cruz — Braga • REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Trav. Vitorino de Freitas, 9 — LISBOA-3 — Telef.: 636607

A NOSSA AMIGA ÁRVORE

Por JOEL RIBEIRO

Referiu a Imprensa há dias que uma estranha moléstia vem dizimando o arvoredo em toda a Costa do Sol. Desde a Cruz Quebrada até ao Guincho, são já notórios os estragos originados pela epifitia. Muitas árvores estão destruídas; noutras já se observam nìtidamente os danosos efeitos da doença.

O povo assiste com desgosto ao grassar da temível praga, impotente para a deter, mas aguardando que se encontre depressa o remédio para o mal, pois sem árvores é evidente que ficará duramente afectada a reconhecida beleza daquelas extensas paragens.

A veneração da árvore vem de tempos remotos. Já entre os Caldeus lhe era prestado verdadeiro culto. Ainda hoje, o povo não esconde a admiração por aqueles espécimes que, vencendo a lonjura dos séculos, chegaram até os nossos dias e, com portentosa fronde, alegram a paisagem e espalham ao redor a frescura benfazeja.

Há apenas algumas semanas, os jornais deram conta da indignação do povo de Guilhafonso, aldeiazinha do concelho da Guarda, quando soube que o «Castanheiro das Descobertas», venerável gigante com séculos de existência, ia ser imolado à ganância mercantilista, vendido, como fora, por alguns contos de réis. E o clamor foi tal que as altas esferas governativas — honra lhes seja — se interessaram pela sorte do nobre exemplar vegetal, o que evitou, segundo parece, que o nefando negócio viesse a ser consumado.

Embora não seja de somenos o interesse puramente estético da árvore — lembro a função decisiva que dois soberbos ciprestes exercem no aformoseamento da paisagem da vetusta vila de Avô, junto às margens do Alva — o certo é que os tempos modernos se encarregaram de ampliar a já enorme utilidade do mundo vegetal.

Há boas dezenas de anos, António Arroio fazia o elogio da árvore em termos que revelavam o seu grande amor por elas. «*Nas árvores* — dizia o dinâmico engenheiro — *tudo é riqueza e utilidade real. Mas não é só isso; nelas reside ainda uma causa eterna de ideal felicidade para os homens. Nunca tantas coisas úteis conseguiram juntar-se a tantas coisas agradáveis. Porque, além de nos abrigarem, protegerem e acalentarem, de nos alimentarem, de nos matarem a sede, de nos curarem, transportarem e vestirem, as árvores adornam o mundo, suavizam a braveza das serras e corrigem a monotonia das planuras. A terra embeleza-se docemente, veste-se das mais delicadas cores, cobre-se de flores, apresenta os mais encantadores aspectos, graças a elas. As árvores enchem as almas das visões mais suaves e variadas. Elas são, pois, o mais útil alimento do corpo e do espírito e devem, portanto, ser sempre adoradas e cuidadosamente aproveitadas. Destruí-las, pelo prazer de destruir, ou sem uma razão superior, é cometer uma acção nefanda, um crime cujo alcance difìcilmente se aprecia, é privar a Humanidade duma incalculável série de benefícios*».

Pois a verdade é que, se o desenvolvimento da actividade industrial tem feito agravar assustadoramente o problema da poluição do meio ambiente, a árvore e todo o reino vegetal, pelo contrário, assumem o papel dia a dia mais indispensável, de agente do saneamento atmosférico e regulador do clima, abrigo das ventanias e fixador das terras e das areias. A árvore, já não apenas utilíssima, é elemento vital para o homem. Protegê-la é tarefa de transcendente interesse social, que devia ser olhada com especial atenção por parte de todos.

Afonso Lopes Vieira, poeta de fina estirpe e homem de grande coração, canta assim o amor da árvore:

Uma árvore é um amigo. Ela verdeja
Só para nos servir, para nos dar.
Honrado seja aquele que a proteja!
Bendito seja aquele que a plantar!

Tão grande acervo de virtudes não tem sido, contudo, suficiente para poupar as árvores a verdadeiros atentados. Em acampamentos, já tenho visto aqueles que mais as deviam amar fixarem-lhes pregos, arrancarem-lhes ramos, descascarem-lhe os troncos, fazerem-lhe incisões, eu sei lá!

Continua na pág. 7

Uma Campanha em Marcha

Quem nos ajuda a ganhar mais 200 novas assinaturas?

Está em pleno desenvolvimento a campanha que lançámos para duzentas assinaturas. Precisamos da colaboração de todos os amigos de «Sempre Pronto» para alcançar o alvo que propusemos. Registámos no último número sete novos assinantes e temos agora o prazer de registar mais onze — total 18!

Correspondendo ao nosso apelo, inscreveram-se como assinantes os nossos amigos srs.: José Pedro Correia B. Mendes, D. Maria João de Mesquita Mântua, Elísio Pimenta Gonçalves, José António Franco Marques e Luís Manuel Guerreiro Fatelha, todos de Queluz; Manuel Maia, Manuel Flávio da Conceição Palma, José Alberto Teixeira Cerqueira, Junta Regional do C. N. E. e Agrupamento n.º 300 do C. N. E., do Porto, estes quatro propostos pelo nosso dedicado colaborador sr. Horácio José de Puiva, Cândido da Silva, da Cova da Piedade, antigo escoteiro do «77» de Faro, proposto pelo nosso amigo sr. Vítor Manuel da Conceição Ferreira.

Saudamos os novos assinantes e agradecemos a resposta ao nosso apelo.

Tinha sido prometido como brinde um exemplar do manual escoteiro de primeira classe «Mais Além!» a todas as novas assinaturas que nos fossem enviadas em Junho, acompanhadas da quantia de 30$00 para o primeiro ano. Foi resolvido prorrogar o prazo até Julho!

Vamos obter 200 novas assinaturas! Quem nos ajuda? Não deixe o prezado leitor de colaborar nesta campanha. Proponha pelo menos um novo assinante.

VI Conferência Europeia de Escotismo

Mais de 140 delegados, observadores e convidados participaram nesta Conferência Escoteira, que se realizou em Baden, na Áustria, em Agosto último.

Foi presidida por Erik Ende (Suécia). Durante o seu funcionamento, vários grupos de discussão debruçaram-se sobre problemas de coeducação, relações internacionais, formação da Lei e Promessa Escotistas e apresentaram depois numerosos documentos e projectos de resoluções.

Entre as resoluções que foram votadas, a Conferência afirma «a sua firme intenção de trabalhar para a unificação do escotismo europeu e para o desenvolvimento, com imaginação, de um internacionalismo realista entre escoteiros e guias (escoteiras)». E conclui nestes termos: «Tendo em consideração a reorganização da Secretaria Mundial do Escotismo, a Conferência pede ao Conselho Mundial que dê à Europa o estatuto de região». Na semana seguinte, o Conselho Mundial acedeu a este pedido. Um grupo de trabalho foi então constituído para levar a efeito os preparativos que permitirão criar o Escritório Regional Europeu da Secretaria Mundial, à frente do qual um funcionário permanente assegurará a coordenação entre as associações escotistas da Europa. Este escritório regional substituirá assim o sistema a meio-tempo do Secretariado do Conselho Executivo Europeu.

As regiões africana, árabe, interamericana e da Ásia-Pacífico estão já servidas por escritórios da Secretaria Mundial.

Entre outras decisões desta Conferência, avulta a eleição de Fausto Caselli (Itália), Joop Herks (Holanda) e Johan Kromann (Dinamarca) para o Conselho Executivo e de Eduardo Duvigneaud (Bélgica) para novo presidente e a reeleição de Sir Bernard Chacksfield (Grã-Bretanha) como vice-presidente.

Assinale-se ainda a resolução de considerar 1972 como «O Ano da Amizade Internacional».

Foram ainda dadas as boas-vindas ao Conselho de Ligação do Escotismo Espanhol e à Associação dos Escoteiros do Mónaco, aceites como membros estagiários da Conferência Europeia.

À inauguração da sede do Escritório da Região Europeia

Concretizando o que tinha sido pedido na Conferência Europeia e aceito pela Secretaria Mundial já se encontra em funcionamento o Escritório da Região Europeia, que tem as suas instalações, cedidas pela Secretaria Internacional, provisòriamente na Rue du Pré-Jérôme, n.º 5, em Genebra, na Suíça. Endereço postal: Case postale 164, 1211 Genève 4.

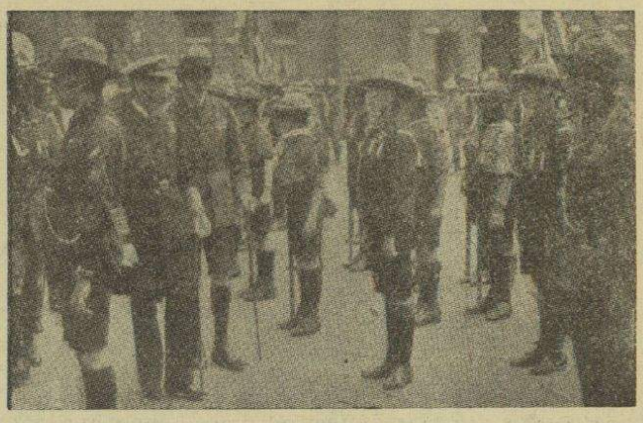
A Secretaria Mundial designou o dirigente dinamarquês Jorgen G. Rasmussen, de 28 anos, como primeiro comissário executivo, em tempo integral, para a Região Europeia.

Trata-se de um activo membro da Associação Dinamarquesa, até agora director de vendas de uma sociedade anónima do seu país; e que goza de uma excelente formação na direcção e administração de negócios e na dinâmica de grupo. Fala inglês, alemão e as línguas escandinavas e está aprendendo actualmente o francês. Foi lobito, escoteiro, chefe de alcateia e de grupo e comissário. Presentemente, era comissário voluntário da Associação Dinamarquesa, onde se ocupava da formação de base e das relações internacionais.

Possui o curso da Insígnia de Madeira.

Os Escoteiros Portugueses no Jambori de 1920

No último número de «Sempre Pronto», falando acerca da Exposição Itinerante da Imprensa Escoteira Mundial, referimo-nos a um exemplar do «Scouter» que incluía uma reportagem sobre o Jambori de 1929. Pedimos desculpa do lapso, mas essa reportagem referia-se ao Jambori de 1920. Oferecemos aos nossos estimados leitores uma das gravuras do «Scouter» onde se vê o Rei Jorge V, na companhia de Baden-Powell, passando revista ao contingente português. Vêem-se os Escoteiros Tenente Joaquim Duarte Borrego, hoje coronel; Humberto Martins, hoje presidente da Direcção da Fraternal; Sobral Martins, falecido, e Albano da Silva, também presentemente Secretário-Geral da A. E. P. Os Escoteiros Portugueses foram os únicos estrangeiros a quem Sua Majestade passou revista.



Sua Majestade o Rei Jorge V passou revista ao contingente português. Vêem-se na gravura os Escoteiros Coronel Duarte Borrego (então tenente), Humberto Martins, Jacinto Sobral Martins (já falecido) e Albano da Silva.

Neste Jambori, em que tomaram parte dez escoteiros portugueses, sob a chefia de Alberto Lima Basto, com a presença e orientação preciosa de Roberto Moreton, foi entregue, pelo chefe do contingente a Baden-Powell, o diploma de Chefe-Geral Honorário dos Escoteiros de Portugal.

Além dos escoteiros já citados, faziam ainda parte do contingente Carlos Beleza Frias, Franklim António de Oliveira, José de Sousa Duarte Borrego, Henrique de Barros (hoje professor engenheiro), e José Maria Galvão Teles, (ilustre advogado em Lisboa).

Foi neste Jambori que B.-P., reparando na comenda da Ordem de Cristo que brilhava no peito do Coronel Duarte Borrego, sublinhou com visível orgulho — **Também tenho!**

O ESCOTISMO EM ANGOLA

O Grupo n.º 39 de Benguela inaugurou a sua nova Sede

Aproveitando as festas do aniversário da cidade de Benguela, o Grupo 39 inaugurou as instalações da sua excelente sede no passado dia 15 de Maio, com a presença dos grupos 36, de Luanda; do Lobito, em organização, e também dos Agrupamentos n.ºs 97, com 10 rapazes; 248, com 30 elementos, ambos de Benguela; em formação no Lobito, estes três do C. N. E. Esteve também presente o Chefe de Alcateia do Grupo 19 de Lisboa, que se encontra na província em serviço militar.

O Grupo 36 de Luanda deslocou-se com 15 membros, que fizeram os 700 km. até Benguela em três viaturas, uma gentilmente cedida pelo Comissariado Provincial da Mocidade Portuguesa; outra cedida e conduzida pela Chefe Maria Carolina; e terceira pelo chefe do Grupo Zeferino Pereira Bastos. Concentraram-se assim em Benguela, com os 70 membros do «39», cerca de 155 escoteiros das duas associações, num ambiente alegre e de grande exaltação escoteira.

À tarde, foi inaugurada a sede, com a presença do sr. Costa Figueira, presidente da Câmara Municipal e nosso irmão-escoteiro, bem como de diversas individualidades ligadas à vida da cidade. Foi também inaugurado um monumento de homenagem aos fundadores do «39», que, como sabemos, foram os chefes António Augusto Silva e Cunha e seu filho José António Ribeiro e Cunha, com um grupo de rapazes entusiastas.

À noite, realizou-se o fogo do conselho no anfiteatro, com a lotação esgotada. Além dos 155 escoteiros, compareceram cerca de 200 pessoas. O «fogo» foi dirigido pelo chefe Ribeiro e Cunha, tendo o programa sido muito apreciado. Durante as cerimónias foram entregues diplomas aos radiamadores que participaram no Jambori do Ar, e medalhas, com que foram agraciados, os chefes Sérgio Roque e D. Maria Carolina, do 36, de Luanda.

As festas escoteiras de Benguela foram assim uma grande jornada de Movimento e marcam definitivamente o ressurgimento dos Escoteiros de Portugal em Angola.

Os escoteiros visitantes foram alojados nas residências dos seus camaradas de Benguela.

DOMINGO — DIA DE DESCANSO?

Do nosso estimado Amigo e leitor dedicado sr. Joaquim de Almeida e Silva recebemos um amável cartão de felicitações pelo editorial do último número, que considera oportuno e «preciosa contribuição para a guarda do dia do Senhor!». Agradecemos.

Outros nossos amigos verbalmente nos manifestaram o seu acordo com as considerações formuladas, reconhecendo a necessidade de ser mais rigorosamente observado o descanso dominical, nada justificando a tolerância que permite a abertura de estabelecimentos comerciais ao Domingo.

DOS AÇORES

Comemorações do Dia do Escoteiro

Fraternal dos Antigos Escoteiros

O Núcleo de Angra do Heroísmo da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal realizou o seu jantar anual de convívio (o décimo), na sexta-feira, 23 de Abril, dia de S. Jorge, no salão de festas do Sport Clube Angrense, com a comparência dos seguintes companheiros: Jacinto dos Reis Moniz Silva (Delegado da Fraternal nos Açores), Eduardo F. Gomes da Silva, Aurélio Bettencourt Borges, Dr. Henrique Henriques Flores, Dr. Francisco Mendes Pereira, prof. Leopoldino R. Tavares, Valdemar Mota, Jaime Cruz, Vítor Jorge Pamplona Ramos, Artur Moniz Silva (em representação da Direcção do Grupo 52 da A. E. P.), e João Orlando Pereira Valentim.

Sede do Grupo 52 da A. E. P.

Embora o 23 de Abril fosse dia útil, realizou-se, à noite, na sede do Grupo n.º 52 dos Escoteiros de Portugal, uma reunião comemorativa do dia de S. Jorge, durante a qual os presentes ratificaram o seu Compromisso de Honra.

Proferiu algumas palavras alusivas ao acto, o prof. Leopoldino Tavares e encerrou o E. C. Jacinto dos Reis Moniz Silva.

Rádio Clube de Angra

Comemorando o Dia do Escoteiro, como é tradicional, o E. C. Jacinto R. M. Silva, Delegado dos Serviços Centrais dos Escoteiros de Portugal nos Açores, fez, no dia 23 de Abril, uma palestra aos microfones do Rádio Clube de Angra, baseada na velha lenda do Cavaleiro S. Jorge.

Jornal «A União»

Integrado nas comemorações do Dia de S. Jorge, publicou o diário local «A União», e da autoria dum antigo escoteiro do Grupo 52, um artigo de homenagem ao Comandante Álvaro de Melo Machado, fundador do Escotismo em Portugal, falecido no ano findo. — C.

DO ENTRONCAMENTO

GRUPO N.º 84

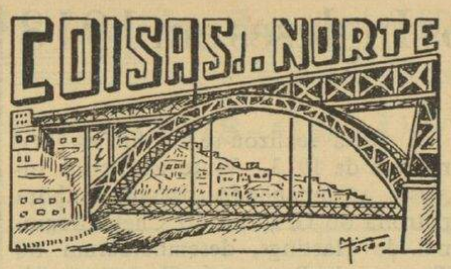
Prosseguem com o maior entusiasmo as actividades do Grupo de Escoteiros de Portugal do Entroncamento. Os Lobitos e as Avezinhas estão a ser activamente preparados por um grupo de aquelás sob a direcção da Sr.ª D. Silvéria Rodrigues Horta.

DIA DO ESCOTEIRO — No dia 23 de Abril, houve na sede uma reunião geral de todo o efectivo para celebrar o Dia de S. Jorge. O Escoteiro-Chefe Aníbal Horta, depois de se referir à actual situação do Grupo, dissertou sobre o significado do dia, tendo também usado da palavra alguns escoteiros.

O Grupo prepara-se intensamente para uma nova época de acampamentos, estando também previstas excursões. — *Vergamota.*

Horácio José de Paiva

Esteve em Lisboa, em 8 de Maio passado, este nosso dedicado colaborador, correspondente do «Sempre Pronto» no Porto, que nos deu o grato prazer da sua visita e nos trouxe animadoras notícias da divulgação do nosso jornal no Norte.



Comemorações do Dia de S. Jorge

No salão nobre da A. C. M. do Porto, onde está anexo o Grupo n.º 17, foi comemorado o dia de S. Jorge, estando presentes todos os grupos do Núcleo.

Presidida pelo E. C. Manuel Teixeira, em representação do Chefe do Núcleo, Rev. Vidal dos Santos, foi aberta a sessão com o hino da A. E. P., seguindo-se uma palestra pelo E. C. José Vidal dos Santos, que falou sobre a lenda e o exemplo de S. Jorge.

Alguns escoteiros prestaram compromisso de honra e novos lobitos fizeram promessa, tendo sido entregues insígnias de especialidade e «pescadinhas» a novos guias de patrulha. No final, todos os escoteiros presentes ratificaram o compromisso de honra, tendo sido entoado o Hino Nacional.

★

A Junta Regional do C. N. E., dirigida pelo Chefe Regional Dr. Fernando Meira Ramos, promoveu uma concentração, pelas nove horas, nos jardins do Palácio de Cristal. Foram realizados jogos interpatrulhas, gincana de bicicletas, desenho panorâmico e mensagens escondidas. No final, efectuou-se missa campal. — *Falcão Negro.*

A juventude ante um mundo novo

A explicação do chamado universalismo na inquietação juvenil está, sem dúvida, noutro facto que também é evidente: os nossos jovens sentem que o mundo muda com rapidez. Sentem-no mais claramente que nós, que já não somos jovens.

Todos percebemos, com clareza, que o mundo se transforma. Desaparecem coisas e modos que pareciam ter a estabilidade de séculos. Nasce um mundo novo que será muito diferente do nosso. Mas, para os que já não são jovens, existem muitas ligações afectivas que os jugulam ao mundo que se está transformando. O nosso EU está feito, em grande medida, de experiências vividas nesse mundo que se vai.

Os jovens, pelo contrário, vivem um presente sem «ontem». E não lhes é possível valorizar neste presente tudo o que tem de bom. Para eles é, além do mais, algo que se vai. O momento em que vivemos interessa-lhes muito mais nas acções que têm como gerador do futuro, que nas riquezas que herdaram do passado.

Junte-se a isto o facto de os nossos jovens saberem que o mundo onde se desenvolverá a sua vida será esse mundo que está chegando irremediàvelmente. E é natural que, às razões psicológicas citadas, se junte, até, um inexplicável egoísmo para viver a inquietação da hora actual, porta aberta para um amanhã incerto em muitos casos.

Cardeal de Sevilha (*in* «Hoja Parroquial Diocesana de Sevilla»). Trad. de Mário Leite.



HÁ 20 ANOS "SEMPRE PRONTO" PUBLICAVA:

Patrulhas livres

O Escotismo não é um passatempo. É um movimento destinado a FORMAR a juventude. Tem pois muitas responsabilidades e não tem o direito de esquecer ninguém, nem nenhuma nação, nem nenhuma raça, nem a mais alta classe social. É por este motivo que os *Scouts de France* decidiram este ano (1955) entregar-se ao trabalho de propagar o escotismo nos meios rurais. É evidente que eles não atingirão esta finalidade sem eliminarem numerosas dificuldades, mas nem tudo pode ser fácil neste mundo. Há inúmeros aglomerados rurais e por isso, em virtude de o número de rapazes ser insuficiente nessas localidades, é impossível fundar grupos. Mas que tem isso? Quando tal acontecer, organizar-se-á ao menos uma patrulha e é isto que deu o nome ao novo movimento (*em 1951*): PATRULHAS LIVRES. Vê-se que a célula fundamental do escotismo no meio rural não será obrigatòriamente o grupo, mas, quando necessário, a patrulha.

Devemos dizer que este movimento é extremamente flexível, o que contribuiu para que se decidisse formar as PATRULHAS LIVRES DA SEGUNDA-FEIRA para os empregados das padarias, das pastelarias e dos talhos, porque é à segunda-feira que estes estabelecimentos estão fechados em França. Para as escolas técnicas, centros de aprendizagem... existiriam as patrulhas livres nocturnas, etc.

Quando for possível, e a fim de lhe assegurar um enquadramento útil, a patrulha livre será agregada a um dos grupos mais próximos, ao qual ela poderá recorrer quando o desejar.

Como os trabalhos de campo mobilizam estes rapazes durante todo o Verão, terá de se insistir nos acampamentos de Páscoa e de Inverno.

O Escotismo, em França, não faz senão recomeçar!

François Baradez

Eugénio Ribeiro Nunes

Este nosso estimado Amigo que se encontra aposentado, depois de algumas dezenas de anos em serviço na empresa dos Telefones de Lisboa, deu-nos o prazer de sua visita depois de ter estado retido em casa em tratamento, encontrando-se presentemente bastante melhor. Sinceramente lhe desejamos completa recuperação, agradecendo a oportunidade que nos deu de o abraçar.

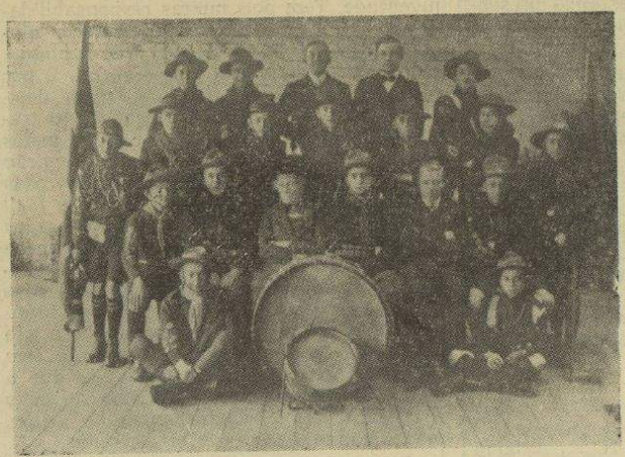
Eduardo Quintino Pinheiro

Encontra-se bastante doente o nosso estimado companheiro e assinante, sr. Eduardo Guião Quintino Pinheiro, antigo escoteiro do Grupo n.º 2 e antigo dirigente da Fraternal dos Antigos Escoteiros.

Fazemos votos por um completo êxito na operação a que se vai sujeitar, augurando-lhe pronto e completo restabelecimento.

A visita dos Escoteiros Ingleses em 1913

Nos últimos números deste jornal tem sido referida a visita que Escoteiros Ingleses fizeram a Lisboa depois de se terem distinguido no salvamento de marinheiros portugueses naufragados no canal da Mancha, em frente da cidade de Hastings. Porque têm sido feitas citações que não correspondem inteiramente à realidade, parece-nos de interesse repetir o que o antigo chefe do Grupo I, sr. Ernesto de Sousa, contou a este jornal em Outubro de 1963.



O Grupo de Escoteiros de Hastings, Inglaterra que visitou Lisboa na Primavera de 1913

Um barco português naufragou na Mancha, frente à cidade de Hastings, e os escoteiros desta cidade tomaram parte activa e distinguiram-se nos trabalhos de salvamento dos náufragos. A notícia foi publicada nos jornais ingleses e foi conhecida em Portugal. A colónia inglesa, em Lisboa, tendo conhecimento do facto, resolveu fazer uma subscrição e convidar o Grupo de Hastings a visitar o Grupo 1 de Lisboa, apelo que foi entusiàsticamente acolhido.

A visita realizou-se no fim da Primavera de 1913. Vinte escoteiros ingleses, acompanhados de uma senhora patrona do Grupo e do Chefe Regional de Hastings, desembarcaram no Terreiro do Paço e desfilaram através das ruas da Baixa de Lisboa até à rua de Artilharia 1, onde o eng.° Giles tinha um palacete, em cujo jardim acamparam. Estiveram dez dias em Lisboa, num programa de inúmeras visitas, passeios, demonstrações, tendo o diário «*O Século*», publicado larga reportagem do acontecimento.

Esta visita constituiu uma excelente propaganda do Movimento e contribuiu para estabelecer definitivamente o Escotismo em Portugal, fundando-se imediatamente a Associação dos Escoteiros de Portugal.

* * *

A Comissão Organizadora da visita a Londres, considerou já a sugestão do nosso colaborador sr. Eugénio Ribeiro Nunes para que fossem visitados os Escoteiros de Hastings na intenção de retribuir a visita de 1913. Naturalmente que, na curta visita a Inglaterra, não é possível a deslocação àquela cidade. No entanto, vai ser pedido à Fraternal dos Antigos Escoteiros Britânicos para que procure averiguar se há possibilidade de encontrar alguns membros desse Grupo para que se possa pedir-lhes para se encontrarem com a embaixada do Escotismo Português em Londres.

XXXV Poemeto Filatélico

Diante dos selos que celebram a viticultura duriense e o vinho do Porto

O' ex-libris *do Porto,*
formoso barco rabelo :
como ao ver-te fico absorto,
dos avós de Riba-Douro
imaginando o desvelo !
Legaram-nos uvas de ouro,
fruto de esforços insanos,
nos socalcos espantosos
de operários há mil anos.
A cuidadosa cultura
dos cachos maravilhosos
foi paga de justa usura !

*

Lá vai o cesto atestado
aos ombros do camponês.
Vai sendo assim melhorado
o erário português...
cada cacho transportado,
prensado, clarificado,
envelhecido, marcado,
etiquetado e rolhado,
elemento é de valia
para a nossa economia...

O quadro é nítido, é certo,
inda que não contradiz
o justificado acerto
de antiquíssimo juiz :

«Não olhes (diz Salomão)
«o copo resplandecente,
«quando o licor folgazão
«se escoa suavemente».

Eduardo Moreira

Foi criado o Banco Escotista Universal de Selos

Graças à generosidade e ao espírito escoteiro de Phil Cowan, do Canadá, e à International Fellowship of Former Scouts and Guides, o programa «Selos para os Escoteiros Deficientes» acaba de ser integrado na actividade do Fundo Escotista Universal, sob o nome de «Banco Escotista Universal de Selos».

Os escoteiros do mundo inteiro são convidados, a título pessoal ou em grupo, a juntar selos usados e a remetê-los àquela organização, a qual promoverá a sua venda e aplicará o produto dela em proveito dos nossos irmãos escoteiros menos afortunados.

O procedimento a tomar deve ser o seguinte:

1. Recortar o selo, deixando uma margem de cerca de 5 mm. à volta do selo. Não descolar a seco o selo do papel.

2. Para ajudar os voluntários do Banco dos Selos, e economizar despesas de correio com a sua remessa, mergulhar os selos em água limpa até que eles se descolem do papel onde estão fixados e deixar depois que enxuguem.

3. Expedi-los depois para a Associação dos Escoteiros de Portugal, Cais do Sodré, Lisboa-2, a qual os fará chegar à posse do Banco Mundial. Para a remessa dos selos, utilizar o meio mais económico.

Reposição em Lisboa da Exposição Itinerante da Imprensa Escotista

Nas instalações da Associação Cristã da Mocidade, em Lisboa e por iniciativa do Grupo n.° 1 da A. E. P., esteve patente ao público da Capital a Exposição Itinerante da Imprensa Escoteira, promovida pelo nosso jornal.

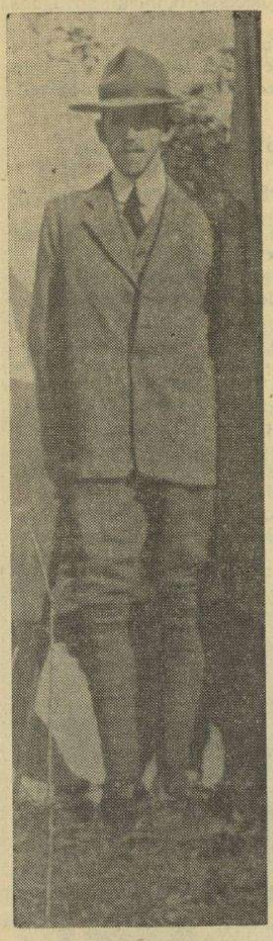
A exposição funcionou de 23 a 29 de Abril, tendo sido bastante visitada, quer por associados e visitas da A. C. M., quer por numerosos escoteiros de outros grupos e antigos escoteiros que ali se deslocaram propositadamente.

O encerramento do certame foi marcado com uma sessão de cinema, com filmes cedidos pela Embaixada dos E. U., tendo sido exibidos os documentários dos Jamboris realizados na Grécia e nos Estados Unidos, filmes que alcançaram pleno agrado da assistência.

Apontamentos para a história do Escotismo (2)

Dois velhos Escoteiros do UM

falam dos tempos gloriosos do Escotismo em Portugal



Frank Giles, 1.º escoteiro-chefe do UM, falecido em combate na Grande Guerra

Numa tarde soalheira de domingo, três homens conversavam agradàvelmente sobre o Escotismo, còmodamente instalados na acolhedora mansão de um dos mais antigos escoteiros portugueses, o actual presidente da direcção da Fraternal, sr. Humberto Martins, que foi chefe-ajudante do Grupo n.º 1 e o principal impulsionador do Escotismo no Algarve.

Os outros convivas são o repórter e o Sr. Cosme Vieira Leitão, um dos primeiros chefes do Grupo n.º 1, há muito afastado das lides escotistas, mas vivendo sempre intensamente e cheio de interesse os momentos bons e maus do Escotismo na nossa terra.

Três homens, duas gerações separadas por quatro dezenas de anos; o mesmo entusiasmo pelas coisas do movimento a que se confessam gratos pelos ensinamentos recebidos; o mesmo amor ao Escotismo.

A conversa corre, agradável, amistosa, saudosista; só o bater inexorável das horas a deterá, já noite lenta. É bom lembrar o passado quando ele nos faz recordar os momentos felizes da nossa vida, uma vida cheia de força e utilidade ao próximo, embora semeada, aqui e ali, de desilusões e desgostos.

O repórter escuta e regista interessado quanto ouve. Não há perguntas na agenda. Há apenas lugar ao diálogo, aberto aos personagens já colocados no tempo e no espaço.

Como nasceu o Grupo UM

Humberto Martins: — O grupo número UM nasceu da iniciativa de Frank Giles, um jovem engenheiro inglês, que com alguns rapazes de Carcavelos, quis constituir um grupo de «*scouts*» semelhante àqueles que proliferavam então na sua terra. Como frequentava a então União Cristã da Mocidade (hoje Associação Cristã da Mocidade) dirigida pelos srs. Rodolfo Horner e Roberto Moreton, Frank Giles sugeriu a criação ali do grupo de escoteiros, ideia que aqueles senhores acolheram com muita simpatia.

Repórter: — Nasce então o Grupo n.º 1...

H. M.: — Era um pequeno Grupo de sete jovens, entre os quais recordo um Brown e um Lobo. Pouco depois, foi Ernesto de Sousa que se juntou ao Grupo. Eu fui o n.º 13...

R.: (para o sr. Cosme Leitão) — É também desses primeiros tempos do Grupo n.º 1?

Cosme Leitão: — Não. Eu fui para lá em 1913. Era o n.º 43, mas conheço como foi criado o Grupo por ouvir contar aos que já lá estavam. Tenho em meu poder uma fotografia desses primeiros tempos onde recordo os nomes do Garcia, que era o Guia da patrulha «Águia»; do Pinto, do Matos, do Santa Marta... todos em cabelo e usando ainda um arremedo do uniforme escoteiro.

R.: — Temos, portanto, Frank Giles como o primeiro esceteiro-Chefe do Grupo n.º 1.

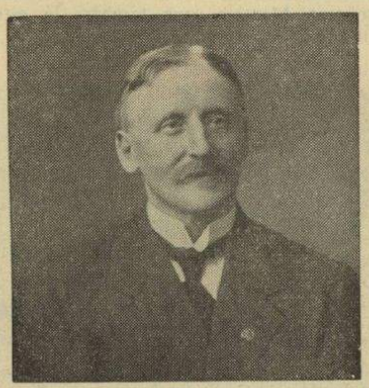
H. M.: — Exactamente. Isto em 1911. Era precisamente no jardim da casa do Giles que fazíamos os nossos exercícios de exterior. Na sede, fazíamos reuniões, debates, palestras, leitura de relatórios, etc. Lembro uma coisa curiosa: Foi nessa altura que se deve ter feito, pela primeira vez em Portugal, a «autocrítica». Nós éramos obrigados a fazer a crítica do nosso próprio trabalho.

C. L.: — As nossas reuniões de guias, a que assistiu muitas vezes o sr. Moreton, eram autênticos debates sobre a vida do Grupo, onde todos eram obrigados a intervir. O sistema de patrulhas foi o processo desde logo utilizado no Grupo que deu sempre excelentes resultados. Creio mesmo que é o único processo de actuar no Escotismo.

R.: — O Escotismo foi para si uma experiência agradável...

Foram os conselhos que recebi que me ajudaram a vencer as dificuldades

C. L.: — Foi ali no UM que eu construí a minha maneira de ser para o futuro. Recebi do Escotismo a cousa maior que me foi dado receber neste mundo: a maneira de me conduzir sem abdicar da minha personalidade. Trouxe dali os exemplos de Ernesto de Sousa, Roberto Moreton e Rodolfo Horner, caracteres que moldaram o meu, preparando-me para a vida dura que tive de enfrentar. Apesar do



Rodolfo Horner

espírito religioso que orientava a U. C. M., nunca fomos influenciados por isto ou por aquilo. Havia liberdade absoluta. Não dou autorização a ninguém para dizer que os rapazes eram ali influenciados com o quer que fosse em matéria de religião: cada um teve sempre toda a liberdade para praticar a sua num clima de respeito que muito me ajudou a preparar para a vida. Cedo perdi o meu pai e foram os conselhos que recebi e os exemplos que observei que me ajudaram a vencer as dificuldades que a vida me reservou.

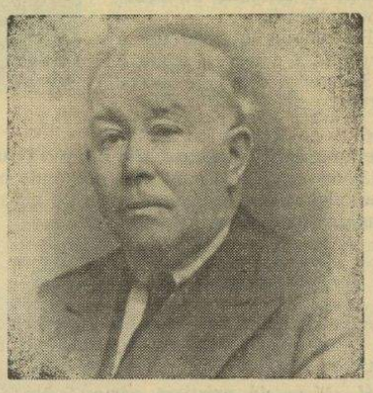
«Era este o ambiente existente na U. C. M. e foi nele que se prepararam os primeiros escoteiros portugueses».

H. M.: — Frank Giles foi o chefe do Grupo durante pouco tempo, pois regressou a Inglaterra chamado ao cumprimento dos seus deveres militares. Substituiu-o Ernesto de Sousa, que era seu chefe-ajudante. Era um rapaz extraordinário, um dirigente excepcional por quem tenho a maior admiração. Tenho pena que o seu estado de saúde o tenha afastado do nosso convívio.

C. L.: — Frank Giles veio a falecer em combate na 1.ª Grande Guerra, onde se bateu pela sua Pátria, como alferes de artilharia.

R.: — Falemos da fase gloriosa do Grupo n.º 1 e da sua acção durante as revoluções.

C. L.: — Embora o adjectivo venha ferir a nossa modéstia, é na verdade uma homenagem aos bravos rapazes daquele tempo; foi realmente uma fase de muito trabalho e de verdadeira devoção pelo movimento e pelo semelhante. Vimo-nos em situações algo difíceis durante as revoluções que então se verificaram, mas prestámos bom trabalho e granjeámos estima e admiração do povo...



Roberto Moreton

H. M.: — E também das mais altas individualidades. Lembro que, a pedido do embaixador americano, fomos eu, o Trindade e o Raul Lino, colocar bandeiras dos E. U. nas janelas de umas senhoras americanas que moravam próximo do Governo Civil, para evitar que fossem molestadas durante os motins. Para isso, tivemos de andar pela Baixa no meio daqueles que se combatiam. A nossa missão, levada a bom termo, mereceu o agradecimento do embaixador dos E. U., que nos convidou a tomar chá em sua casa, onde nos manifestou a sua admiração pelo Escotismo.

C. L.: — O contacto com personalidades de destaque, tivemo-lo frequentemente na U. C. M., dado o prestígio de que gozavam aquela Associação e os seus dirigentes. A compostura dos escoteiros chamava sobre nós a atenção e a simpatia dessas individualidades.

R.: — Mais tarde, após a partida do sr. Ernesto de Sousa para a América, creio que foram precisamente os senhores que ficaram a dirigir o Grupo. Qual era o chefe do Grupo?

C. L.: — Eu fiquei como escoteiro-chefe, o Humberto Martins era o meu ajudante. Ficámos assim apenas porque era eu que dispunha de mais tempo para dedicar ao grupo. Mas se o nosso trabalho resultou, deve-se ao que aprendemos com o Ernesto de Sousa e às magníficas lições dos dirigentes da T. C. M.

A visita dos escoteiros de Hastings

R.: — Em relação a uma informação recolhida pelo nosso Jornal sobre a vinda a Lisboa de um grupo de escoteiros escoceses, que aqui teriam estado antes da existência do escotismo entre nós...

Continua na pág. 6

Apontamentos para a história do Escotismo

Continuação da pág. 5

H. M.: — Já existia o grupo n.° 1. Os rapazes eram ingleses e vieram a Lisboa a convite do Frank Giles, em casa de quem estiveram hospedados, acompanhados de uma irmã de Baden-Powell. Fizeram alguns passeios pela cidade e uma demonstração do Escotismo no Martim Moniz e outras na Escola Académica e na Sociedade de Geografia. Tenho uma fotografia com um irmão, já fardados de escoteiros, dentro do rebocador que foi levar esses jovens ao barco inglês «*The Marara*», que os transportou de regresso ao seu país.

R.: — Não há dúvida que a razão dessa visita foi a propaganda do Movimento.

H. M.: — Sim. Ela foi rodeada ainda de uma certa acção movida pela influência e prestígio do sr. Moreton e reforçada pelos artigos do Dr. Hermano Neves, no *Século*, que abriram o caminho ao Escotismo entre nós.

Foi depois que surgiu o Grupo n.° 2 e logo a seguir o n.° 3, o n.° 7, o n.° 9 e muitos outros.



Os primeiros escoteiros do Grupo 1

C. L.: — Lembro a rivalidade que existiu então entre nós e o Grupo n.° 3, no Liceu Pedro Nunes, por onde passaram alguns jovens que vieram a ser altas figuras da vida nacional.

A fundação da A. E. P.

R.: — Falemos da fundação da Associação dos Escoteiros de Portugal: Quantos Grupos existiam nessa altura?

H. M.: — Já existiam vários. Não sei quantos, mas recordo que já existiam alguns.

R.: — Porque se consideraram 3 apenas os fundadores da A. E. P.?

H. M.: — Porque nem todos estavam de acordo com a orientação que se estava a dar à Associação e alguns preferiram ficar de fora. O comandante Melo Machado, que desde logo tomou certa preponderância na orientação associativa, apesar da sua excepcional dedicação e do seu fervor escotista, tinha atitudes que nem a todos agradavam. Os seus rigores militaristas sobrepunham-se muitas vezes às liberdades defendidas pelo Escotismo. Levantou, por isso, alguns problemas que nos chocaràm bastante.

R.: — Foi por isso que o Grupo n.° 1 rompeu a certa altura com a Associação?

C. L.: — Nessa altura era eu já o chefe do Grupo. Quiseram impor-nos uma mudança do uniforme tradicional do Grupo e não concordámos com essa ideia. Achávamos que cada Grupo devia manter a sua liberdade de trabalhar e vestir como base da liberalidade do Escotismo.

H. M.:—Fomos proibidos de usar uniforme e isso deu-nos um enorme desgosto, levando-nos a afastar-nos. Mas, mais tarde, colaborámos com a A. E. P. em certa dificuldade associativa. Lembro que nessa altura, talvez em 1923, se constituiu um Conselho Administrativo do qual faziam parte Henrique de Barros, relações internacionais; Marcelo Caetano, cultura e propaganda; Joaquim Borrego, tesouraria; Cosme Leitão, excursões; e Humberto Martins, biblioteca e artes gráficas.

C. L.: — Depois, levantaram-se outras complicações, pela nossa maneira de trabalhar. Eu sempre entendi que sobre os chefes recaía a responsabilidade de tudo o que se passava com os escoteiros durante as actividades. Portanto, gostava de os rodear de uma assistência igual ou melhor do que a que tinham suas casas. Os meus cuidados com a alimentação dos rapazes voltavam contra mim o Chefe-Geral, que não concordava com os meus processos. No auge desse aborrecimento afastei-me do Grupo, já que discordava em outros pontos de vista da orientação geral do Movimento.

R.: — Assim prejudicou mais o seu Grupo...

C. L.: — É verdade que sim. Coisas próprias do entusiasmo inflexível da Juventude. Se fosse hoje, teria tido um pouco de mais calma e talvez não me aborrecesse tanto.

O 1.° Jambori mundial

R.: — O 1.° Jambori mundial, em Londres, foi um acontecimento excepcional para todos os escoteiros. O sr. Humberto Martins, que também lá esteve, conte-nos como viveu esse momento.



Conjunto de escoteiros do Grupo 1. Reconhecem-se, da esquerda para a direita, de pé, o 1.°, o chefe Ernesto de Sousa, o 5.°, Júlio dos Santos Trindade, o 6.°, Henrique A. Marques, e o 9.°, Humberto Martins; sentados, o 1.°, E. Pombeiro. Quem poderá identificar os outros nossos antigos camaradas?

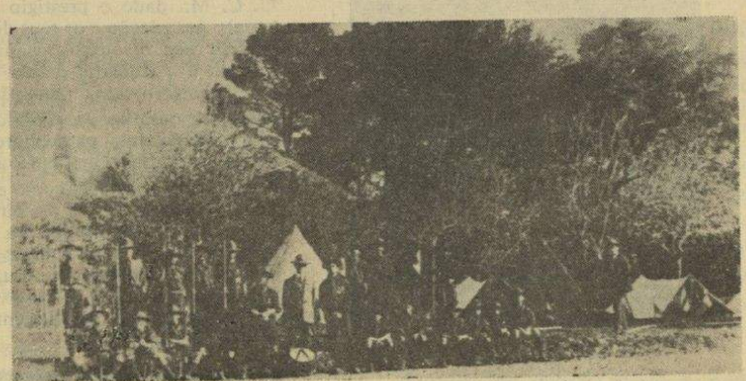


Imagem doutros tempos: o Grupo 1 num dos seus primeiros acampamentos

H. M.: — É uma recordação inesquecível. A delegação portuguesa era constituída por 12 elementos, a quem chamaram «*os 12 de Inglaterra*». Recordo os nomes de alguns dos meus companheiros: Alberto Lima Basto, Albano da Silva, Galvão Teles, Eduardo Frias, os irmãos José e Joaquim Borrego, Sobral, João de Barros... Foi uma exibição magnífica do valor do escotismo. Realizou-se no Olímpia de Londres, um pavilhão enorme, onde habitualmente se realizavam festivais militares, tal a sua grandeza. Estiveram presentes escoteiros de trinta e tal países e só americanos eram mais de 300, que se fizeram deslocar num barco, onde transportaram todo o equipamento que lhes era necessário, incluindo alguns cavalos.

Estivemos no Palácio de Buckingham, onde fomos recebidos pelo Rei Jorge V. Também tive o prazer de cumprimentar Baden-Powell.

Baden-Powell em Lisboa

R.: — Recorda-se da 1.ª visita de B.-P. a Lisboa?

H. M.: — Sim. Foi um acontecimento excepcional. Fez-se um grande desfile que percorreu as principais ruas da cidade. o que fez atrair a atenção de muito povo. Concentraram-se em Lisboa cerca de mil escoteiros de todo o País e foi a grande oportunidade para muita gente tomar conhecimento do valor e da projecção universal do Movimento.

C. L.: — Verificou-se então um surto de interesse pelo Escotismo, ao qual aderiram algumas figuras de relevo e muitos professores dos liceus e universidades, onde o Movimento teve então certa expansão.

R.: — Perante o inegável interesse do Escotismo e reconhecido o seu grande valor educativo, seria justo esperar que o Movimento progredisse no nosso País. Porquê não se verificou?

C. L.: — É certo que a criação da Organização M. P., com as suas proibições e imposições, veio prejudicar muito a expansão do Escotismo, mas, quando veio aquela organização, já o Movimento estava a sentir dificuldades no seu desenvolvimento. Isto seria fruto de uma preparação imperfeita dos chefes.

R.: — Por que não foi possível dispor nessa altura, de muitos e bons chefes, se o Escotismo, penetrando nos liceus e universidades, havia já conseguido interessar grande número de professores desses estabelecimentos, além de outras pessoas de valor que não frequentavam a universidade ou o liceu?

C. L.: — Talvez porque dentro da maioria dos indivíduos que acabou de citar não estivesse a compreensão exacta do que é o valor do Escotismo.

Deixei o movimento precisamente por estar em desacordo com a maneira como estavam a ser escolhidos os escoteiros-chefes. Já passaram muitos anos e não tem qualquer importância a crítica que as minhas palavras podem envolver. Aprendi que o Escotismo era, principalmente

Continua na pág. 7

AO FIM DE 50 ANOS DE FUNCIONAMENTO, A SECRETARIA MUNDIAL DO ESCOTISMO É FINALMENTE UMA PERSONALIDADE JURÍDICA

O *World Scouting Newsletter* publica uma notícia que diz, e muito justamente, ir encher de admiração os seus leitores: é o facto de a Secretaria Mundial do Escotismo, que foi criada em 1920, só agora existir juridicamente!

E explica: quando os antigos dirigentes da Secretaria, até agora o actual secretário-geral, assinavam contratos em nome do Movimento, ficavam pessoalmente responsáveis pelas obrigações financeiras deles resultantes.

O problema preocupava há muito tempo o Conselho Mundial, o qual, contudo, não tinha possibilidades de encontrar uma solução adequada antes da transferência da Secretaria para Genebra.

Porém, em Outubro do ano findo, a Secretaria Mundial do Escotismo recebeu, finalmente, nos termos da lei suíça, o seu estatuto de «associação» e assim se tornou uma personalidade jurídica distinta.

E aquela publicação termina assim a local: «É uma forma, como algumas outras, de celebrar o 50.° aniversário da Secretaria. E um dos mais entusiastas obreiros deste acontecimento é, sem dúvida, o nosso secretário-geral, Laszlo Nagy».

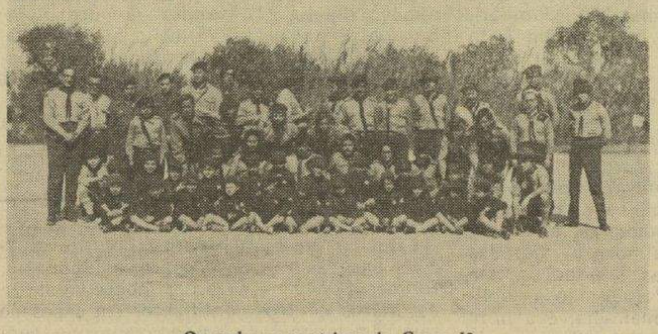
O Grupo N.º 19 dos Escoteiros de Portugal inaugurou o curso de esperanto «Luís Simões Aurélio»

No dia 23 de Março passado, num salão da Escola Agrícola D. Dinis, na Paiã, realizou-se a sessão inaugural deste curso de esperanto dedicado aos lobitos e escoteiros do Grupo 19, tendo presidido o Rev. Padre Francisco, presidente da Direcção do Grupo, secretariado pelos srs. José Antunes, director da secção de Esperanto da Sociedade de Língua Portuguesa e professor do curso inaugurado; Eduardo de Almeida Trindade, antigo chefe do Grupo 84, do Entroncamento, e conhecido esperantista; Mário Lusano Leite, chefe do Núcleo B de Lisboa; Eduardo Ribeiro, director do «Sempre Pronto», Pedro Lopes, chefe do «19» e alguns outros conhecidos esperantistas, cujos nomes não tivemos oportunidade de registar.



A mesa que presidiu à sessão

Usou da palavra, a abrir a sessão, o Rev. Padre Francisco, que fez o elogio do Escotismo e pôs em paralelo os seus objectivos com os ideais dos esperantistas. Usaram ainda da palavra os srs. Mário Lusano Leite, Pedro Lopes, Eduardo Ribeiro e José Antunes. Foi muito referida a personalidade do nosso saudoso colaborador, de quem foi adoptado o nome para o curso, Luís Simões Aurélio, cuja vida, norteada por elevados ideais, se notabilizou no Escotismo e no Esperanto.



Os garbosos escoteiros do Grupo 19

O sr. José Antunes traçou a história do Esperanto, procurou desfazer ideias erradas acerca desta língua internacional, tendo discordado da designação de língua auxiliar, analisou o espírito de compreensão e amizade que através do Esperanto é promovido entre povos de diferentes nações, afirmando a utilidade desta língua que, sem preterir nem substituir as línguas nacionais, contribui para o bom entendimento entre os homens.

Foram distribuídos prémios a todos os escoteiros inscritos no Curso, tendo o Chefe Pedro Lopes agradecido a presença e a colaboração dos presentes.

O Grupo n.° 19 animou a festa com a presença de cerca de 60 membros.

APONTAMENTOS PARA A HISTÓRIA DO ESCOTISMO

Continuação da pág. 6

uma escola de Moral, uma escola de Virtudes e não uma escola de soldados. Embora se ensinassem alguns exercícios pré-militares, considerados necessários, frisou-se sempre que o principal era o aspecto educativo, a preocupação de tornar os rapazes cidadãos verdadeiros e úteis. Mas em vez de proporcionarmos aos garotos os ensinamentos vindos de B.-P., que queria vê-los no campo em contacto com a Natureza, gozando de liberdade de acção, o que era na época verdadeira novidade (e por isso êxito do Movimento), entre nós começou-se a agarrar a preparações militares demasiadamente, fez-se muito o marcar passo e isso tornou o Escotismo uma coisa vulgar para o rapaz.

R.: — Apesar disso, a verdadeira essência do Movimento manteve-se e conseguiu ser transmitida às futuras gerações. Orgulho-me de ter aprendido a verdadeira finalidade do Escotismo.

H. M.: — O Escotismo impôs-se em Portugal, como em quase todos os países, de uma forma demasiado rápida; criaram-se Grupos por todos os lados e nem todos aqueles que se meteram a escoteiro-chefe estavam preparados para educar rapazes. Isso deu como consequência que nem toda a herança escotista, recebida através dos anos, viesse sublimada pelo ideal de B.-P. Mas mesmo assim ainda existe o verdadeiro Escotismo e isso é que é admirável.

Humberto Martins dá grande impulso ao Escotismo no Algarve

R.: — Sabemos que foi um grande impulsionador do Movimento no Algarve.

H. M.: — Depois de 1920, fui para o Algarve e aí dediquei-me à criação e preparação de novos Grupos. Fundei o Grupo n.° 6, de que fui escoteiro-chefe, e influenciei a criação de outros.

R.: — O Grupo n.° 6 foi o responsável pela criação de outros Grupos no Algarve.

H. M.: — Sim, o trabalho desenvolvido por aquele Grupo foi muito bom e isso conseguiu atrair para o Escotismo as atenções gerais. Mais tarde vieram o n.º 59 em Tavira, o n.° 60 em Vila Real de Santo António, do qual fui também o fundador e que chefiei durante 3 meses, o n. 77 em Faro, o de Lagos e outros que não se encontram já em funcionamento.

A todos eles procurei ajudar e transmitir os ensinamentos que tinha recebido. Encontrei excelentes auxiliares: João Trigueiros, que foi o melhor e o mais entusiasta... o tenente Dentinho, que morreu há pouco tempo já coronel, que estava em Lagos... um Velez, também já falecido...

R.: — São tempos agradáveis de recordar...

H. M.: — Sim, tempos de uma Juventude feliz, preocupada em viver uma vida verdadeira e cheia de atractivos.

C. L.: — Sinto-me orgulhoso por ter seguido o caminho do Escotismo, que me ensinou a encontrar na vida as compensações que me tornaram feliz.

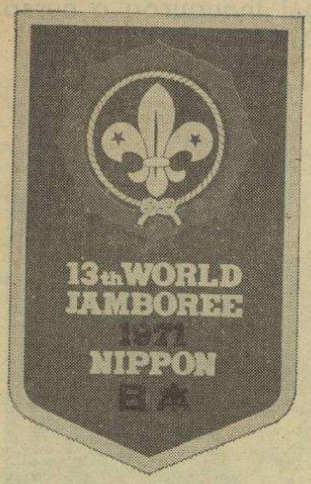
M. G.

A NOSSA AMIGA ÁRVORE

Continuação da pág. 1

Aprendamos a amá-las, que não será a menos valiosa lição que poderemos tomar. Países há em que regularmente se celebra a Festa da Árvore e todos estão concordes na sua utilidade.

Pois seja assim. Que cada um se integre nesta campanha de protecção das árvores, aprendendo a cuidar delas, a conhecê-las, a amá-las. Bem hajam os povos de Guilhafonso e da Costa do Sol pela sua preocupação pelo mundo vegetal. Consigam eles alcançar que as suas formosas árvores sejam preservadas quer das moléstias devastadoras, quer da acção do bicho-homem, que é, fora de dúvida, o mais daninho elemento que prolifera à face da Terra.



«EM PROL DO ENTENDIMENTO»

O XIII Jambori Mundial

— grande acontecimento escotista

Conforme já temos referido, de 2 a 10 do próximo mês de Agosto o Japão vai abrir as suas portas a 12 000 escoteiros de todo mundo, que ali vão tomar parte no Jambori Mundial, que se realiza em Asagiri Heights, próximo do célebre Monte Fuji, o maravilhoso vulcão extinto da grande nação asiática.

Em Prol do Entendimento é o lema escolhido para a grande reunião, lema de evidente inspiração escotista, pois estes acampamentos mundiais têm como objectivo, segundo o pensamento do Fundador do Escotismo, permitir um melhor conhecimento entre os jovens de todos os povos que viabilize o entretecimento dos laços de amizade que conduzam a juventude a compreender e a apreciar os ideais de paz entre todos os homens.

Vai, pois, começar, dentro em pouco, a grande festa escotista.

O programa de um dia de acampamento

Os organizadores têm planeado com o maior cuidado o programa deste Jambori. Por meio de circulares, de que têm feito ampla distribuição pelas várias associações escotistas, vão dando a conhecer curiosos dados sobre a forma como tudo irá decorrer. Tudo está previsto, nada será deixado à improvisão, como deve ser feito entre escoteiros.

Assim, o programa dum dia do Jambori já está delineado. Eis como ele se repartirá:

Às 6 horas, será o toque de alvorada; às 7 horas, o primeiro almoço. O içar das bandeiras realizar-se-á às 8 ½ horas. Até às 11 horas, o tempo é reservado às actividades da manhã. Ao meio-dia, é a hora do almoço, que será seguido de um curto período de descanso das 13 às 13 ½ horas. As actividades da tarde estender-se-ão até às 16 ½ horas. O arrear das bandeiras está marcado para as 18 horas. Uma hora depois, é o jantar. As actividades da noite, desenrolam-se entre as 19 e as 21 horas. O recolher está previsto para as 22 horas.

No Japão, o nascer-do-sol e o pôr-do-sol são, respectivamente às 4 horas e 50 e às 18 horas e 50, aproximadamente, durante o mês de Agosto.

Quanto custa a estadia no Jambori?

A estadia no Jambori custa 50 dólares (cerca de 1400$00) e compreende o fornecimento de rações para 30 refeições (desde o jantar do domingo 1 de Agosto até ao almoço do dia 11), carvão ou outro combustível para cozinha, insígnias do Jambori, pratos e copos de cartolina, documentos e mesa de jantar e bancos para uma patrulha, quota-parte nas despesas de construção e administração e assistência médica durante o Jambori e outras despesas.

Excursões

Devido às características muito especiais das casas e dos costumes japoneses, foi decidido não oferecer hospedagem a escoteiros doutros continentes em casas de famílias japonesas, hospedagem que será substituída por simples visitas, em que será dado a conhecer a forma de viver do povo japonês.

Estão planeadas várias excursões através do Japão, durante as quais serão visitadas as principais cidades nipónicas, como Tóquio, Quioto, Osaca, Cobe, Nara, Okayama, Uji Yamada, a cidade-mártir de Hiroxima, Nikko, Nagóia, Beppu, Takamatsu e outras, bem como o lago Chizenji, as cataratas de Kegon, o templo Todaiji, onde há uma enorme imagem de Buda, o Monte Takasaki, com nascentes de água sulfurosa fervente, denominadas «Infernos» e onde habitam macacos selvagens, o templo Sanjusangendo, em cujo átrio se podem admirar 1001 budas, bem com outros santuários e parques nacionais.

A emissora de rádio do Jambori

Durante o funcionamento do Jambori, estará *no ar* o posto radiamador (HAM) do grande acampamento, montado no próprio recinto do campo. O emissor operará durante as 24 horas do dia, transmitindo para todo o mundo as últimas novidades. O indicativo da estação ainda não é conhecido, porque está sendo estudada uma lista de sugestões para o efeito. O indicativo que for adoptado será aquele que se mostre mais apropriado para o Jambori Mundial.

Os radiamadores que, incluídos nos contingentes, se deslocam ao Japão, serão convidados para tomar parte nas emissões da estação.

Está à porta a grande festa do escotismo mundial. Que os escoteiros portugueses, embora longe da reunião, saibam acompanhar em espírito os seus irmãos doutros países que ali se vão encontrar, a fim de que os elevados objectivos desta grande actividade sejam alcançados, não só em Asagiri Heights, mas em todo o lugar onde houver escoteiro.

ASSINANTES PATROCINADORES

São assinantes patrocinadores do «Sempre Pronto» os Amigos que substituem a assinatura ordinária de 30$00 por ano por uma assinatura de patrocínio de, pelo menos, 50$00 anuais.

O nosso dedicado amigo sr. Paulo A. Dias Leitão, do Porto, manifestou o desejo de se inscrever como patrocinador. Agradecemos.

Os nossos assinantes patrocinadores srs. Eugénio Ribeiro Nunes e Albano da Silva tiveram a amabilidade de nos enviar a importância de suas assinaturas para o corrente ano, pelo que lhes apresentamos o nosso agradecimento.

A remessa espontânea do valor das assinaturas não só nos ajuda porque nos economiza as elevadas despesas de cobrança, mas também nos auxilia na execução do serviço. Por isso, ficamos sempre muito gratos aos prezados assinantes que nos remetem o imposto de suas assinaturas.

DE MÊS PARA MÊS

Vaidade, só vaidade!



Últimamente, certos cavalheiros muito intelectuais, quando se sentem feridos na sua desmedida vaidade, enveredam, mais ou menos cortêsmente, pelo insulto mútuo e na falta de dialéctica acusam-se então, num tom pejorativo de professarem moral escoteira ou moral de Baden-Powel, macaqueando aquilo que já ouviram noutros climas e lhes pareceu moderno.

Faz pena assistir ao ridículo dessas figuras que tanto saber evidenciam que se não inibem de falar do que ignoram e de amesquinhar o que é grande e digno. Que sabem eles de Baden-Powell, desse homem genial a quem a humanidade tanto deve?

Vaidade. Simplesmente vaidade!

SEMPRE PRONTO — Propriedade do Círculo Fraternal de Cooperação Escotista

Director e Editor — EDUARDO RIBEIRO
Director-Adjunto — JOEL RIBEIRO

Equipa de Redacção:
MARIANO GARCIA
ARMANDO INÁCIO
JOAQUIM MANUEL A. OLIVEIRA

Equipa de Administração:
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO — Administrador
ERNESTO CLÍMACO DO NASCIMENTO
LUÍS GARCIA

Número avulso: 2$50 — Assinatura anual: 30$00